

Iberê Camargo: caminhos de uma poética.

«Tenho sempre presente que a renovação é uma condição da vida. Nunca me satisfaz o que faço. Vejo nisso um estímulo permanente à criação. Ainda sou um homem a caminho.»
Iberê Camargo

Desvendar a arte de Iberê Camargo significa percorrer muitos dos mais fascinantes e complexos caminhos da descoberta. Suas obras aguardam o nosso olhar e propõem todo um mundo de expressão e de vontade, através de manchas e grafismos superpostos, cores e pinceladas veementes, mas dependem especialmente daquilo que nós desejamos ver. Por essa razão, essas obras passam a viver diferentemente em cada um de nós, com todas as nossas fantasias, sentimentos e conhecimentos. Contudo, não é em nosso mundo que imergimos: é no do artista; é a sua obra que nos convida a visitá-la. Nada nesse processo é estanque, ao contrário, estamos inseridos em um espaço de relações.

Pensando nessas, em todas as ricas facetas que envolvem a experiência de uma exposição de Iberê Camargo, delineamos uma aproximação à identidade da sua obra. Buscamos primeiro, com esse recorte, mesmo que deslocados no tempo, paradoxalmente sermos contemporâneos a ela. Isto quer dizer, apreender em profundidade, e através das marcas deixadas, o seu vivo processo de trabalho, as verdades e interrogações da sua elaboração. Essa nos permite ir muito além da simples contemplação das telas concluídas e desenhos acabados; ela nos possibilita vivenciar cada momento de seu processo, procurando acompanhar o que ele sentiu, compreender o que ele pensou, enfim, tentar refazer com ele, mas agora à maneira de cada um, estes caminhos — sempre de renovação como condição da vida, como ele mesmo sugeriu. Mas não é só: conhecer a obra de Iberê é também pensar a dimensão artística da sua obra em seus diversos ângulos, os que ultrapassam o sentido apenas individual — o significado dos momentos que ele escolheu entre a figuração e a abstração, o da técnica pastosa e o das obsessivas superposições de camadas de pintura, a potência sensível da cor, a escolha expressiva dos seus personagens, os limites da tela, entre tantos outros elementos; é procurar identificar a constituição simbólica da obra deste artista que a situou no contexto da pintura moderna brasileira.

Para isso, os esboços, em justaposição às obras concluídas, podem desvendar novos valores. Eles não apenas perfazem o caminho do artista até a obra, mas mostram-se eles mesmos, obras. Descobre-se, com surpresa, que inúmeros desprezíveis desenhos ao modo de rascunhos trazem uma forte busca de apreensão da vida. São como que o impacto dos instantes que se esvaem céleres no tempo. É como se o artista tentasse segurá-los no papel, em seu esforço para conhecer e plasmar a existência. Não escondia que trabalhava com paixão, com ímpeto, com emoção incontida, às pressas¹. Mas essa pressa ele encarnava em seu gesto ágil, em cada pincelada, em cada obra, como se indagasse obstinadamente o significado do tempo. Cada pequeno estudo, freqüentemente repleto de sobreposições, acabava concluindo-se em uma obra maior. Era uma procura incessante para cercar o que via ou imaginava, um lugar onde as figuras ou formas entram em questão entre os limites do suporte, tido muitas vezes como provisório. Não há nesses croquis nenhuma pretensão e esperada ordem no espaço, há sim, um ato inquieto e incansável de rasgar o definitivo, de tentar trazer a vida para dentro da arte.

«Para mim arte e vida confundem-se.»² Repetindo as rápidas e incompletas personagens, multiplicadas sobre a superfície, ele faz-nos evocar, através delas, os primeiros desenhos da humanidade. Questiona-se assim, simultaneamente, o passado e o presente, a imprecisão e a definição, o provisório e o definitivo, a arte e a vida. Muitos podem ser os contrapontos por toda a sua obra que nos conduzem a tantas indagações. Pergunta-se, pois, que transformações apresentou Iberê Camargo em uma temática em particular e na sua arte em geral? De que modo os esboços, por exemplo sobre os seus ciclistas, acabam por se configurar em sua pintura? Como chegam eles a possuir uma densidade em si mesmos, independentemente dos grandes óleos que lhes são semelhantes? Haverá alguma diferença qualitativa entre os croquis e as obras concluídas? Ou melhor, o que faria a diferença de valor: a variação da técnica ou quem sabe seriam as categorias que o mundo artístico atribuiu a ela?

Considerando este questionamento possível, foram selecionados alguns dos mais importantes núcleos temáticos da obra de Iberê — os dos ciclistas, retratos e auto-retratos, paisagens, carretéis, e suas grandes telas finais — que passam a ser revistos em seus desdobramentos através dos diversos esboços. Os croquis trazem o embrião de outros caminhos que talvez o artista nem tenha chegado a reconhecer. A multiplicidade de perspectivas para perceber as obras revela-se como ponto instigante para experienciar o trabalho do artista. A atenção a elas torna-se mais densa ao examinar de que modo Iberê fez as suas opções, desenvolveu seus estudos até chegar a determinadas soluções. É sempre uma produção em movimento, como foi também o seu gesto, sempre dinâmico, sutil, ao mesmo tempo vigoroso. A idéia de transformação das suas obras vem a ser tão importante como é a de sua definição.

Por outro lado, a fértil produção do pintor traz consigo um outro veio poderoso: o contato com os ilimitados meandros técnicos das diferentes propostas. Em arte, declara o artista, «o importante é aprender a linguagem e formar um vocabulário. Dono desta língua, pouco importa que a fala seja o óleo, o metal ou a pedra»³. Os óleos de Iberê são as obras mais conhecidas: por essa razão, propiciar a convivência dos diversos modos de tratar a matéria traz à tona aspectos que dizem respeito à própria natureza da sua arte. A interferência das pinceladas nervosas na tela, os rasgos da espátula firme, o desenho seguro na pedra, o lápis que corre solto pelas superfícies em papel, ou as aguadas em matizes têm um lugar fundamental para se perceber a obra do artista.

Diante da produção de Iberê Camargo é impossível deixar de vê-la como um dos momentos cruciais da pintura no Brasil. Ele soube mostrar, como ninguém, em sua ânsia de trazer o seu interior para além de si e também para além da sua arte, a sua visão trágica da vida, a sua revolta e o seu amor, o seu desprezo e o seu sarcasmo em relação ao mundo no qual viveu. Extrapolou o espaço pessoal e passou para a história da arte com seu intrincado processo e produto artísticos. Nascido na serena paisagem de Restinga Seca, ainda distanciada das idéias do expressionismo internacional, soube, sem buscar as falsas classificações, fazer a sua arte, sempre autêntica, voltada ao seu cotidiano e à sua verdade, sempre enriquecida de um conjunto de questões profundas que põem em xeque a natureza artificial da própria arte. Cabe a nós descobrir os passos da descoberta, respeitando fielmente o que as obras de Iberê esperam de nós, sem jamais esquecermos que, deixando-se de lado a ótica linear, sua arte encontra seu verdadeiro lugar, entre os inúmeros caminhos que ela mesma propõe.

Mônica Zielinsky | maio de 2000

¹ Iberê Camargo, *No andar do tempo. 9 contos e um esboço autobiográfico*. Porto Alegre: L&PM, 1988, p. 81.

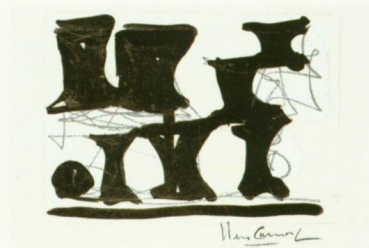
² Iberê Camargo, op. cit., p. 95.

³ Carta de Iberê Camargo a Mario Carneiro. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1953.

- 1914 Nasceu em Restinga Seca, interior do Rio Grande do Sul, no dia 18 de novembro.
- 1928 Iniciou estudos de pintura na Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria. Frequentou o curso técnico de Arquitetura do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. Casou-se com Maria Coussirat, estudante de pintura.
- 1942 Realizou sua primeira exposição individual no Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Obteve uma bolsa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul para estudar pintura no Rio de Janeiro.
- 1943 Criou, no Rio de Janeiro, com alguns artistas, o Grupo Guignard, em sinal de resistência ao ensino acadêmico.
- 1945 Ganhou medalha de prata no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.
- 1946 Primeira exposição individual no Rio de Janeiro, no Ministério da Educação e Saúde.
- 1947 Ganhou o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, com a tela "Lapa". Participou da exposição "Arte contemporânea brasileira", em Montevidéu.
- 1948-1950 Estudou com De Chirico, Petrucci, Achile e Rosa, em Roma, e com André Lhote em Paris.
- 1951 Participou da I Bienal de São Paulo e da Bienal de Arte Hispano-americana em Madri.
- 1953 Fundou o curso de gravura no Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro.
- 1954 Organizou, com a ajuda de Djanira, o "Salão Preto e Branco", durante o III Salão de Arte Moderna, no Rio de Janeiro.
- 1955 Organizou o "Salão da Miniatura", na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, reivindicando a redução das taxas de importação de tintas para artistas plásticos.
- 1956 Participou de coletiva no Museu Guggenheim de Nova York e da III Bienal Hispano-americana em Barcelona.
- 1958 Participou da Bienal do México, de mostras em Quito, Belo Horizonte e Porto Alegre. Realizou os primeiros trabalhos da fase dos "Carretéis".
- 1959 Participou da V Bienal de São Paulo. Expôs em coletivas no Rio de Janeiro, em Washington e no México.
- 1960 Participou de exposição no Museu Guggenheim em Nova York, da Bienal de Gravura de Tóquio e da mostra inaugural do Museu de Arte Moderna de Buenos Aires. Ganhou o prêmio de gravura da Bienal do México. Ministrou curso de pintura na Prefeitura de Porto Alegre, dando origem ao Atelier Livre da municipalidade.
- 1961 Ganhou o prêmio de melhor pintor nacional na VI Bienal de São Paulo, com as telas "Fiada de Carretéis I, II, III, IV e V".
- 1962 Participou da Bienal de Veneza, Itália.
- 1963 Participou, com Sala Especial, da VII Bienal de São Paulo.
- 1965 Participou de diversas coletivas no exterior: Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, França.
- 1966 Executou um painel de 49 m² oferecido pelo Brasil à Organização Mundial da Saúde em Genebra, Suíça.
- 1969-1970 Deu aulas de pintura na penitenciária de Porto Alegre e de gravura em metal na Universidade Federal de Santa Maria e na Escola de Belas Artes da UFRGS.
- 1971 Participou, com Sala Especial, da XI Bienal de São Paulo.
- 1973 Realizou exposição individual em Londres. Fez estágio no atelier Lacouturière, em Paris.
- 1979 Participou da XV Bienal de São Paulo. Realizou exposição individual na Galeria Debret, em Paris.
- 1982 Voltou a residir em Porto Alegre, onde recebeu o Diploma de Mérito Cultural da Prefeitura Municipal.
- 1983 Realizou exposição individual na Galeria Tina Presser, em Porto Alegre, com apresentação do curta-metragem "Iberê Camargo-pintura-pintura", realizado por Mário Carneiro.
- 1984 Em homenagem aos seus 70 anos, foram realizadas várias exposições no país.
- 1985 Participou da XVIII Bienal de São Paulo. O Museu de Artes do Rio Grande do Sul organizou a mostra retrospectiva "Iberê Camargo, trajetória e encontros".
- 1986 Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Santa Maria.
- 1988 Lançou o livro de contos *No andar do tempo*, com várias exposições. Participou da exposição "Modernidade - Arte brasileira do século XX", no Museu de Arte Moderna de Paris.
- 1989 Realizou exposições individuais no Museu de Artes do Rio Grande do Sul e na Galeria Tina Zappoli em Porto Alegre.
- 1990 O Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e o Espaço Cultural do Banco Francês e Brasileiro, em Porto Alegre, organizaram mostras retrospectivas de gravuras.
- 1992 Lançou o livro *A gravura*, com exposição de gravuras em metal no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre. A exposição "De Debret a Iberê" marcou a reabertura do Museu de Arte da Cidade do Rio de Janeiro.
- 1993 Inauguração da Galeria Iberê Camargo, na usina do Gasômetro, em Porto Alegre, com exposição de guaches do artista.
- 1994 Realizou a exposição "Iberê Camargo Mestre Moderno" no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. Participou do núcleo "Abstrações", na Bienal Brasil Século XX, e teve Sala Especial na XXII Bienal de São Paulo. O pintor faleceu em 9 de agosto em Porto Alegre.



1



2



3



4

1. S/Título | Pastel seco sobre papel | 31,5 x 22 cm | 1959
2. Grafite e nanquim sobre papel | 15 x 22 cm | s/ data
3. S/Título | Grafite sobre papel | 23,5 x 33 cm | 1962
4. "Gravura 4" | Água-forte e água-tinta | 29,5 x 49,5 cm | 1968
5. S/Título | Cuache sobre papel | 36,5 x 50,5 cm | 1977
6. Ascensão | Óleo sobre tela | Coleção Maria Coussirat Camargo | 57 x 40 cm | 1973



6



5

C a r r e t é i s



8



9



10



7. S/Título | Caneta esferográfica sobre papel | 27 x 31 cm | s/data
 8. S/Título | Caneta e lápis stabilotone sobre papel | 32,5 x 23,5 cm | s/data
 9. S/Título | Grafite e guache sobre papel | 35,5 x 27,5 cm | 1989
 10. S/Título | Guache e lápis stabilotone sobre papel | 25 x 35 cm | 1990
 11. S/Título | Água forte e água tinta | 24,5 x 30 cm | 1992
 12. Ciclista | Óleo sobre tela | Coleção Maria Coussirat Camargo | 200 x 155 cm | 1990





Fundação Iberê Camargo

A Fundação Iberê Camargo foi instituída em outubro de 95 com o objetivo de preservar e divulgar a obra do artista. Seu acervo inicial, doado por Maria Coussirat Camargo, compreende obras das diversas fases da produção de Iberê Camargo, assim como documentos que são o registro de sua trajetória.

Uma pequena parte desse acervo, incluindo obras e documentos inéditos, poderá ser vista na exposição que ora apresentamos.

A Fundação tem também a importante missão de proporcionar às novas gerações o conhecimento, a discussão e a crítica da obra de Iberê. Não se trata de uma obra simples e transparente. É, antes de tudo, um desafio à nossa capacidade de perceber a complexidade e a beleza do mundo. Iberê foi, em vida, uma dessas pessoas raras a quem se pode conceder o título de livre pensador, irreverente, desafiando permanentemente os rótulos convencionais da arte, suas "verdades" estabelecidas e a si mesmo. Nesse sentido Iberê foi, durante toda sua vida, um estudante, na melhor acepção da palavra.

É com este espírito que a Fundação Iberê Camargo, neste segundo semestre de 2000, dá continuidade ao seu Programa Escola. O Programa, que atendeu em 1999 mais de 1.400 estudantes das redes pública e privada de ensino, prossegue este ano, a partir da belíssima exposição sob a curadoria da professora Mônica Zielinsky.

Jorge Gerdau Johannpeter

PATROCÍNIO:

APOIO:

